

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
CURSO DE LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

GUSTAVO HENRIQUE DA SILVA ARAÚJO

A TEORIA ALTAICA E A LÍNGUA JAPONESA: RELAÇÕES FONOLÓGICAS

BRASÍLIA

2018

GUSTAVO HENRIQUE DA SILVA ARAÚJO

A TEORIA ALTAICA E A LÍNGUA JAPONESA: RELAÇÕES FONOLÓGICAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título em licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka

BRASÍLIA

2018

GUSTAVO HENRIQUE DA SILVA ARAÚJO

A TEORIA ALTAICA E A LÍNGUA JAPONESA: RELAÇÕES FONOLÓGICAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca examinadora como requisito parcial para obtenção do título em licenciatura em Língua e Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka

Aprovada em ___ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka (Orientador)

Universidade de Brasília

Prof.^a Me. Camila Regina Ferracioli Pimentel

Universidade de Brasília

Prof. Valdeilton Lopes de Oliveira

Universidade de Brasília

BRASÍLIA

2018

RESUMO: A presente pesquisa busca analisar a hipótese altaica na literatura com a intenção de buscar correlações fonológicas que justifiquem a inclusão da língua japonesa na mesma. Neste trabalho, realiza-se uma análise da literatura selecionada para tecer uma discussão entre os tópicos estudados. Esta é uma pesquisa de caráter descritivo, com uma abordagem qualitativa, com o intuito de dialogar acerca das relações fonológicas da hipótese altaica e a língua japonesa.

Palavras-chave: Linguística histórica; Hipótese altaica; Análise fonológica.

ABSTRACT: The current research seeks to analyze the Altaic hypothesis in literature with intent to search for phonological correlations to justify the inclusion of the Japanese language in it. In this assignment, an analysis of the selected literature is accomplished in order to weave a discussion between the two studied subjects. This is a descriptive research, with a qualitative approach, with the goal of dialoguing about the phonological relations of the Altaic hypothesis and the Japanese language.

Keywords: Historical linguistics; Altaic hypothesis; Phonological analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Justificativa	2
Problematização	2
Objetivos	2
Estrutura do trabalho	3
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	4
1.1 Linguística histórica	4
1.2 Método comparativo	5
2. METODOLOGIA.....	5
3. A LÍNGUA JAPONESA, ANTIGAMENTE E AGORA.....	6
3.1 Aspectos fonológicos	9
3.2 Aspectos morfossintáticos.....	11
4. A hipótese altaica	12
4.1. História da hipótese altaica	14
4.2. A fonologia da família altaica	16
4.3. A língua japonesa e a família altaica	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
Referências	24
Apêndice	25

INTRODUÇÃO

Ainda que não se saiba com precisão quando surgiu o que podemos chamar de “língua japonesa”, a mesma tem seus primeiros registros legítimos sendo datados do período Nara (por volta de 710 a 794), o que a dá uma história de mais de 1300 anos, a qual já foi extensamente analisada. No entanto, ao passo que línguas como o inglês e o português têm suas origens claramente definidas, tal resultado ainda não foi possível para a língua japonesa (Shibatani, 1990 p. 94). Diversas teorias foram desenvolvidas desde o interesse inicial dos linguistas e antropólogos pelos idiomas da região; contudo, nenhuma teve aceitação geral.

No entanto, a hipótese altaica, que concerne um grupamento de línguas da Ásia Central e do leste asiático, apresenta um número de argumentos que apresentam a possibilidade da inclusão da língua japonesa na alçada desta teoria. Até o presente dia, esta hipótese continua fortemente contestada no meio acadêmico, e não há um consenso, desde seu surgimento, 150 anos atrás.

O advento da linguística histórica e, mais especificamente, da linguística comparativa foi o ponto significativo na linha do tempo dos estudos altaicos. Através disto, pôde-se consolidar uma “teoria altaica” através de evidências morfológicas e fonéticas.

No presente momento, as discussões sobre esta hipótese encontram-se, de acordo com alguns, no mesmo estado que estavam há 30 ou 40 anos, com poucos estudos e uma “falta de apoio” por parte da comunidade acadêmica (Vovin, 1998). Há duras críticas ao material teórico desta hipótese e ao método utilizado; desta maneira, a teoria altaica hoje encontra-se em situação litigiosa no meio acadêmico.

Visto o escopo do trabalho, far-se-á uso do Alfabeto Fonético Internacional (AFI) em alguns momentos, principalmente ao lidar com reconstruções e ao comparar vocábulos. Para as transcrições de língua japonesa, utilizou-se o sistema de romanização Hepburn; para as transcrições coreanas, utilizou-se a romanização revisada.

Justificativa

As motivações deste trabalho surgiram a partir de uma reflexão acerca da natureza da língua japonesa, isto é, de sua origem. Vista a densidade do tema e o significativo esforço já realizado dentro do cenário acadêmico para com este tema, buscou-se fazer um traçado geral do que concerne à teoria, e então correlacionar os dados presentes. Acredita-se que o trabalho possa vir a incentivar outras produções da área em língua portuguesa, vista a falta de material deste tipo.

Problematização

Como anteriormente mencionado, há um déficit de trabalhos não somente dentro da universidade, mas em âmbito nacional, que tratem acerca da hipótese altaica e em especial sua correlação com a língua japonesa. Também há de se notar que o tema ainda segue em discussão até o presente dia, necessitando de novas análises.

Objetivos

O intuito deste trabalho é analisar parte do *corpus* literário existente, não somente acerca da *hipótese altaica*, mas também sobre a língua japonesa e suas origens; enfoque será dado sobre os processos fonológicos ocorridos em ambos. Com esta análise realizada, respeitando-se os limites estabelecidos pela literatura e pela metodologia, far-se-á uma comparação entre alguns elementos linguísticos de ambos.

Objetivo geral: Este trabalho tem como objetivo analisar parte do corpus literário com o intuito de analisar correlações fonológicas entre o altaico e o japonês e trazer uma reflexão acerca dos estudos altaicos e da natureza da teoria altaica.

Objetivos específicos: Identificar os principais trabalhos e estudos realizados na área até o presente momento, bem como sintetizar de maneira breve os conteúdos observados.

Estrutura do trabalho

Com os objetivos já explicitados acima, este trabalho divide-se em três seções: primeiramente, uma breve introdução, junto da justificativa, problematização e os objetivos. Em seguida, uma breve dissertação acerca da base metodológica utilizada, e após isto, um traçado geral da cronologia da língua japonesa. Mais tarde, no terceiro capítulo, um outro traçado, desta vez acerca da teoria altaica, bem como sua história, desenvolvimentos fonológicos e uma correlação tentativa de elementos desta com a língua japonesa através dos processos ditos. Por fim, as considerações acerca do trabalho realizado.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Linguística histórica

A linguística histórica (também *linguística diacrônica*) é um dos campos da linguística que busca compreender o desenvolvimento de uma língua ao longo do tempo, isto é, de onde ela surgiu, por que tipo de mudanças passou, a razão por trás destas mudanças etc. Para tal fim, estudam-se mudanças de sons, alterações morfológicas, empréstimos e outros processos internos. Também é de relevância significativa para a linguística histórica a compreensão das etimologias de palavras individuais: ainda que não sejam o foco do estudo, são um dos resultados de uma análise diacrônica bem-sucedida (Campbell, 1998 pp. 4-6).

A linguística diacrônica difere da linguística chamada *sincrônica* no sentido de que há uma delimitação clara das funções que a mesma possui, notavelmente a de analisar estágios sincrônicos sucessivos de uma dada língua, ao invés das diferenças internas em ocorrência, distinção feita por Saussure (2011, p. 81-3).

No entanto, ainda que seja oriunda da antiga filologia, o estudo filológico não é, por definição, um estudo linguístico diacrônico por completo. Também é feita uma análise do que está por trás de um dado texto, como seu contexto histórico – fato que é utilizado, notavelmente, para tecer estudos acerca da sociedade como um todo. Ainda assim, a linguística histórica tem impacto significativo não somente nas áreas da linguagem, mas também em processos envolvendo a psique humana. Para Campbell,

À maneira que determinamos com mais precisão o que pode e o que não pode mudar em uma língua, e quais são os caminhos permitidos versus impossíveis nos quais as línguas podem mudar, nós contribuimos significativamente para a compreensão da gramática universal, tipologia linguística e a cognição humana em geral – fundamental para compreender nossa própria humanidade. (Campbell, 1998, p. 2; tradução nossa)¹

Em suma, o exercício da linguística diacrônica busca a compreensão não somente das mudanças ocorridas ao longo do tempo, mas também a maneira e a capacidade que as línguas possuem de alterar-se.

¹ “As we determine more accurately what can change and what cannot change in a language, and what the permitted versus impossible ways are in which languages can change, we contribute significantly to the understanding of universal grammar, language typology and human cognition in general - fundamental to understanding our very humanity.

1.2 Método comparativo

Um dos processos característicos da linguística histórica, o método comparativo, busca empregar duas (ou mais) línguas relacionadas geneticamente e comparar suas características (morfemas, fonemas, etc.) com o intuito de determinar características da língua predecessora comum, comumente a partir de listas de palavras.

Através do processo comparativo, pode-se realizar uma *reconstrução* da proto-língua. Desta maneira, comumente se utiliza o método comparativo para reconstruir línguas com um ancestral sem evidências. Para Campbell (1998, p. 108-9), o objetivo de uma reconstrução é obter o máximo de dados possíveis sobre uma língua para desta maneira entender que mudanças se aplicaram nas línguas que dela descenderam.

2. METODOLOGIA

Optou-se por uma pesquisa de cunho descritivo e qualitativo. Houve, primeiramente, um levantamento bibliográfico, com o intuito de selecionar dados, e logo então foi feita uma análise da literatura selecionada, bem como uma revisão crítica da mesma, a partir da qual é feita uma síntese. Os dados apresentados (acerca da teoria altaica e da língua japonesa) foram brevemente sintetizados e então comparados.

3. A LÍNGUA JAPONESA, ANTIGAMENTE E AGORA

Neste capítulo, busca-se traçar um breve paralelo entre a língua japonesa arcaica (a utilizada durante o período Nara, de 710 a 794) e o japonês moderno (da era Meiji, iniciada em 1868 e finda em 1912, em diante).

A língua japonesa, falada no Japão por aproximadamente 128 milhões de pessoas, pertence à família (ou grupo linguístico) japônica, que consiste da língua japonesa (日本語, nihongo) e seus dialetos, bem como as línguas ryukyuanas, faladas nas ilhas de Ryukyu, ao sul. Os primeiros registros da língua podem ser encontrados em escritos chineses que datam do século III. No entanto, o primeiro registro escrito da língua japonesa do qual se tem notícia é o *Kojiki*, escrito entre os anos de 711 e 712 (Shibatani, 1990 p. 125).

O primeiro estágio da língua japonesa do qual se tem notícia é chamado *japonês arcaico*, presente no *Kojiki* e outros documentos do período Nara (710-794). Ainda assim, palavras japonesas (ainda que transcritas para o chinês medieval) estão presentes em textos chineses antigos, como o *Romance dos Três Reinos*. À época, utilizava-se a escrita chinesa, esta trazida através dos primeiros contatos com a cultura chinesa por meio de textos budistas vindos de Baekje (Cranston, 1993), adaptada às convenções fonéticas da língua japonesa para escrever sua própria literatura. Mais tarde, no período Heian, viria a surgir o *Man'yōshū*, uma antologia literária que utilizava as convenções de escrita já em uso, mas com o emprego de caracteres ideográficos pelo seu valor fonético (ao invés do valor semântico, isto é, seu significado), um sistema que veio a ser nomeado *man'yōgana*.

O Japão, durante o curso de sua história, esteve em contato próximo com a China, a ponto de “herdar” seu sistema de escrita ideográfico (mais tarde adaptado em dois silabários, o *hiragana* e o *katakana*). Em despeito deste fato, as duas línguas diferem vastamente em termos gramaticais e fonéticos, e nenhuma relação genética entre as duas (e, por extensão, com a família linguística que abrange o chinês, a família sino-tibetana) foi jamais positivamente comprovada (Shibatani, 1990 p. 112). No entanto, a influência do chinês médio sobre o japonês arcaico ao

longo do tempo alterou certas características da língua; por exemplo, a estrutura silábica, outrora permitindo somente sílabas compostas por uma consoante e uma vogal (sílabas abertas), foi drasticamente alterada por introdução de vocábulos chineses, com características como consoantes no fim de sílabas e a “geminção” de consoantes sendo marcas do japonês medieval (Shibatani, 1990 pp. 121-2). Notavelmente, um mesmo ideograma de origem chinesa pode ter diferentes leituras em diferentes palavras sino-japonesas (por exemplo, o caractere 生 possui três leituras sino-japonesas distintas, e mais de quatorze leituras japonesas), refletindo os diferentes contatos entre as duas culturas durante o curso da história (Shibatani, 1990 p. 122).

Analisemos as seguintes sentenças. A primeira é um recorte de um poema de Fujiwara no Sadaie (1162-1241), conhecido também como Fujiwara no Teika², poeta medieval japonês:

見渡せば花も紅葉もなかりけり

Miwataseba hana mo momiji mo nakarikeri

“Ao olhar em volta, não havia nem flores nem *momiji*³.”

Aqui, temos um exemplo do japonês utilizado durante o período Heian e a idade medieval (794-1185) e suas eras medievais, Kamakura (1185-1333) e Muromachi (1336-1573); há a presença do auxiliar *keri*, perdido em estágios posteriores da língua.

Em contrapartida, temos a seguinte adaptação à língua japonesa moderna:

見渡すと花も紅葉もなかった

Miwatasu to hana mo momiji mo nakatta

Há, neste exemplo, duas diferenças notáveis. A primeira, como mencionada anteriormente, é o uso do sufixo *keri*, que tinha como função indicar o pretérito (isto é, o passado). A segunda é a diferença nas flexões verbais; *nakatta*, por exemplo,

² Texto disponível em <<http://manapedia.jp/text/2099>>. Acesso em 21 nov. 2018.

³ Para preservar a ambiguidade, preferiu manter-se a palavra original; *momiji* pode ser compreendido como a árvore de bordo, ou as suas folhas que tornam-se vermelhas durante o outono, sendo associado com a estação; uma outra tradução, mais poética, se dá simplesmente por “folhas de outono”.

requer apenas uma conjugação para indicar tanto o pretérito quanto um aspecto perfectivo (denotar que uma ação já foi concluída) na língua moderna, enquanto que no japonês arcaico fazia-se a necessidade de outros componentes gramaticais em decorrência da regra de *kakari-musubi*, um sistema de modos e aspectos gramaticais que será visto mais tarde neste trabalho.

Observemos também a seguinte sentença, extraída do *Conto do Cortador de Bambu* (竹取物語), de autoria e ano de publicação desconhecidos:

子になりたまふべき人なめり

Ko ni nari tamafu beki hito nameri

“Parecia que fosse se tornar em (minha) criança”

Em contrapartida, na língua moderna temos:

子供になるはずの人であるようだ

Kodomo ni naru hazu no hito de aru you da

Também nota-se aqui a presença de auxiliares verbais (como *nameri*, junção do verbo auxiliar de conclusão *nari* e o auxiliar de suposição (para expressar incerteza sobre o que estava sendo dito) *meri*). Aqui, especialmente, é evidente uma das regras ortográficas do japonês arcaico, hoje chamada *Rekishiteki Kanazukai*, que requeria o uso das sílabas do grupo *ha* (isto é, は *ha*, ひ *hi*, ふ *fu*, へ *he*, ほ *ho*) para indicar sílabas do grupo *wa* (わ *wa*, ゐ *wi*, う *u*, ゑ *we*, を *o*; notavelmente, **wu* é inexistente, tendo sido substituído por *u*), que eram lidas (com exceção de *wa*) sem sua semivogal *w*. Os resquícios deste sistema ocorrem até hoje com o uso das partículas gramaticais は /*wa*/, へ /*e*/ e を /*o*/, bem como em palavras como おとこ *otoko* “homem”, advinda de uma forma antiga をとこ *wotoko* (Shirane, 2007 p. 248).

Considerando as discrepâncias fonológicas e gramaticais em decorrência dos diversos fenômenos de mudança linguística ocorridos na língua japonesa entre seus dois grandes períodos, considera-se que a cisão ocorreu no período Kamakura-Muromachi; contudo, a mudança ocorreu de maneira gradual entre estes dois períodos (Shibatani, 1990 pp. 119-20) A linguagem anterior é vista hoje como uma linguagem largamente literária.

3.1 Aspectos fonológicos

Ainda que haja evidências nos escritos japoneses antigos, pouco é compreendido acerca da fonologia precisa do japonês arcaico. Grande parte das reconstruções fonéticas do japonês arcaico são baseadas em registros existentes do chinês medieval; no entanto, por sua vez, as reconstruções e análises feitas ao longo do tempo utilizam a língua japonesa como objeto de comparação, tornando o processo parcialmente suspeito e sob o risco de recursão. (Miyake, 2003 p. 64)

O uso consistente de caracteres específicos do sistema do *man'yōgana* em certas palavras revela uma distinção entre os valores fonéticos de certas sílabas – isto é, sons que hoje são compreendidos como sendo idênticos eram perceptivelmente distintos. Através da análise comparativa, pode constatar-se que o *Kojiki* utilizava oitenta e oito sílabas diferentes; o *Nihon Shoki* utilizava oitenta e sete, tendo perdido a distinção entre um dos pares (compreendido comumente como duas variantes de /mo/). Este sistema silábico indica uma possível distinção entre três valores vocálicos – os de /e/, /i/ e /o/, marcados pelo uso de ideogramas chineses (empregados pelos valores fonéticos, em correspondência ao sistema do *man'yōgana*) distintos – assim, indicando a presença de oito vogais distintas no japonês arcaico, em detrimento dos cinco presentes no japonês moderno. Não há, necessariamente, um consenso na comunidade acadêmica acerca dos verdadeiros valores fonéticos destas vogais. Oono (2013, p. 18) os descreve como sendo versões “centralizadas” (isto é, pronunciadas com o dorso da língua contra o palato ou próximo do mesmo) da vogal anterior (pronunciada próximo ao véu palatino) /u/ e as vogais anteriores (articuladas próximas ao palato duro e os dentes) /i/ e /e/ (Shibatani, 1990 p. 132). Estes dois pares vocálicos são originalmente referidos como *kō* (甲) e *otsu* (乙) em referência a um sistema de contagem arcaico.

Tendo em vista esta diferença, há a possibilidade de que as mudanças fonológicas que ocorreram em algumas palavras do japonês moderno, como *sake* (bebida alcoólica) e *sakazuki* (um receptáculo para *sake*), sejam oriundas da assimilação de encontros vocálicos, fenômeno que haveria ocorrido em períodos mais tardios do japonês arcaico (Shibatani, 1990 p. 133; Frellesvig, 2010 p. 32).

É possível, ainda, que a distinção entre os dois valores fonéticos seja puramente alofônica (isto é, uma variação entre as realizações fonéticas de um mesmo fonema; [o] e [ø] sendo variantes de um fonema maior /o/, por exemplo (Shibatani, 1990 p. 133)). Considerando a distribuição entre os dois valores em palavras, e o fato de que poucas palavras possuem ambas as variantes de uma destas vogais, a possibilidade se faz presente. Contudo, há pares mínimos determináveis, e, portanto, é marcada a diferença entre as duas sílabas em relação ao japonês medieval e moderno (Frellesvig, 2010 pp. 26-31).

Surge também a hipótese de uma “harmonia vocálica” no japonês arcaico; isto é, quando uma palavra com múltiplas sílabas ocorre, há um processo pelo qual uma das vogais altera a pronúncia da outra, seja por assimilação (tornar as duas iguais) ou por outros fenômenos, como a alteração de uma vogal por outra vogal mais próxima da frente da boca, por exemplo. Há um sistema deste tipo em línguas “altaicas” como o mongol e o turco, bem como nas línguas urálicas (faladas ao norte da Europa e da Ásia), baseado na proximidade e distância do fundo da cavidade bucal (avanço e retração). Este sistema será observado mais posteriormente.

Como anteriormente mencionado, o japonês arcaico tinha uma estrutura silábica rígida, constituída apenas por sílabas abertas (terminadas com vogal). Todas as sílabas, exceto quando no início de uma palavra, começavam com uma consoante (que não poderia ser /b/, /d/, /g/ ou /r/), salvo por palavras de origem estrangeira (Frellesvig, 2010 p. 39).

As consoantes também possuíam um grau de complexidade não presente na língua japonesa moderna; ao passo que há hoje apenas a distinção de sonoridade entre as consoantes obstruentes (fricativas e oclusivas), Frellesvig (2010, p.34-6) aponta a presença de um complexo sistema que as punha em um sistema com dois eixos, um de *sibilância* (distinguindo as fricativas das oclusivas) e outro de *tensão*. Não havia, no japonês arcaico, a sonoridade das consoantes como uma característica distintiva, ainda que ocorresse sonorização quando a consoante se encontrava em posição média (entre outros sons) numa palavra. Este sistema de dois eixos é, muito provavelmente, oriundo de um processo de assimilação entre duas sílabas, a primeira contendo uma consoante nasal (/m/, /n/, /ŋ/) e a seguinte uma das obstruentes (e.g. */yobite/ > /yoNde/). Contudo, ainda que seja um

processo fonológico legítimo, os valores das consoantes nasais não podem ser recuperados (Frellesvig, 2010 p. 42).

Ainda partindo desta análise, as consoantes fricativas no japonês arcaico eram compostas apenas por */s/ e */z/; no entanto, em posição média, as outras obstruentes se transformavam em fricativas; fenômeno que explica o surgimento de /ɸ/ a partir do fonema /p/, também labial, algo evidenciável por registros escritos de viajantes portugueses (que optavam pela transcrição com *f*) e coreanos (que utilizavam *ph* ou *hw*, visto a falta de um som fricativo labial no idioma coreano) (Miyake, 2003 p. 74). Também pode perceber-se o surgimento de /w/ a partir do mesmo (o que então dá origem à leitura irregular moderna da sílaba *ha* como *wa* quando usada como partícula gramatical).

3.2 Aspectos morfossintáticos

Quanto à gramática, o japonês arcaico tinha um grau de complexidade maior do que o da língua moderna; a ordem sintática é consistentemente sujeito-objeto-verbo (e conforme a tendência, com posposições e modificadores antes de sujeitos) mas é possível subverter esta ordem com certas construções. Havia amplo emprego de verbos auxiliares, que serviam como sufixos de um verbo, para denotar fatores como modo, tempo e aspecto. Também havia um grau razoável de flexão verbal (Frellesvig, 2010 p. 55; Shibatani, 1990 pp. 122-3)

Surgiu no japonês medieval o sistema do *kakari-musubi*, que herdava os sistemas de flexão verbal do japonês arcaico. Dava-se a aplicação desta regra quando um sufixo qualquer era anexado a um verbo; o verbo deveria então flexionar-se para uma de seis formas. Este sistema permitia sentenças mais abertas, alterando a ordem básica sujeito-objeto-verbo; exemplos de ordens sintáticas possíveis eram sujeito-verbo-objeto. A queda do sistema de *kakari-musubi* é tida como sendo uma das principais mudanças para criar a língua japonesa moderna (Frellesvig, 2010 p. 358)

Analisemos então a seguinte frase, extraída do *Genji Monogatari*, atribuído à escritora Murasaki Shikibu, do período Heian:

何事をかは中納言にはつたへならはすべき

Nanigoto o ka wa chuunagon ni hatsutaenarawasu beki

“Que coisa deve ser conferida ao Chuunagon?”

Aqui, há uma certa desconexão dos componentes da frase entre si; a relação entre os elementos se dá através das terminações das flexões e as partículas (como *ka*, para expressar a dúvida ou uma interrogação)

Ainda em se tratando de partículas, as mesmas foram uma das classes gramaticais mais afetadas com a mudança da língua; partículas outrora largamente utilizadas, como *namu* (uma partícula de ênfase, para dar atenção ao item da frase no qual era afixado), desapareceram, enquanto outras como *zo* (também enfático) e *ba* (indicando uma correlação de eventos ou um aspecto condicional (isto é, “se x acontecer, então...”) tiveram suas funções e/ou significados drasticamente alterados. A partícula *zo*, por exemplo, perdeu a noção de ênfase em uma palavra, tornando-se uma partícula utilizada somente no fim de frases; *ba* manteve somente sua função condicional (Frellesvig, 2010 pp. 330-2)

Algumas das características dadas até então acerca da língua japonesa arcaica apresentam similaridades com as línguas altaicas – ainda que não haja por si uma correlação evidente e clara. Este assunto será tratado com mais afinco nas seções posteriores deste trabalho.

4. A hipótese altaica

Como dito anteriormente, não há consenso entre a relação genética da língua japonesa com outras famílias além de sua própria, a japônica. No entanto, diversos autores consideram a língua japonesa (ou a sua família, a japônica, como um todo) como sendo parte de um grupamento linguístico maior, o altaico (assim nomeado a partir das montanhas Altai, na Ásia Central) – visto a consolidação no campo teórico de uma família “altaica” compondo as “subfamílias” turca, mongólica e tungúsica, a inclusão das línguas japônicas veio a criar um agrupamento paralelo, chamado “macro-altaico”, em oposição ao “micro-altaico” composto pelas três (Poppe, 1956 p. 143). Alguns teóricos consideram também a possibilidade de, além de uma origem altaica, a presença de um substrato – isto é, ao falar de situações nas quais línguas

entram em contato, o substrato é a língua que influencia (e é eventualmente substituída por) uma “nova” língua em um dado contexto. Dentro desta análise, são comumente analisadas as presenças de um substrato austronésio, sendo então parte de um vasto grupamento linguístico do Oceano Pacífico compondo idiomas como o tsou, o amis e o atayal, nativos de Taiwan, ou até mesmo malaio-polinésio, uma família dentro da austronésia que inclui a grande maioria das línguas da Oceania, como o havaiano e o maori, bem como o malaio, o filipino e o indonésio, línguas do sudeste da Ásia (Shibatani, 1990 pp. 103-9). Da mesma maneira, a língua ainu, falada no norte do Japão pelo povo indígena ainu, também já foi proposta por alguns estudiosos como sendo de origem austronésia baseada em análises feitas por *software*, mas não possui similaridades o suficiente para consistentemente ser classificada como uma língua “altaica” (Shibatani, 1990 pp. 5-10); portanto, não será discutida neste trabalho, enquanto no âmbito da hipótese.

Compreende-se o “micro-altaico” hoje como compreendendo as famílias turca (línguas como o turco, azeri, turcomeno, uzbeque, tuvano, etc.), mongólica (mongol, buriate, oirata, etc.) e tungúsica (evenki, manchú, jurchen, etc.)

A inclusão da língua japonesa é algo um tanto quanto recente; o coreano foi considerado um idioma altaico por volta dos anos 40, mas sua relação com a família altaica é tortuosa (visto o número menor de registros escritos sólidos em comparação com as outras línguas anteriormente discutidas) e discussões acerca da natureza da sua relação com a língua japonesa são mais comuns. Em contrapartida, a adição da família japônica a este ramo é controversa (Poppe, 1956 pp. 75-6), e mesmo em tempos mais recentes pouco há em consenso sobre sua classificação (Vovin, 1998).

Outrora, o grupamento altaico foi chamado “uralo-altaico”, baseado em similaridades entre este e as línguas urálicas, como o finlandês ou o samoieda, faladas ao norte da Europa e no noroeste da Ásia, próximo às montanhas Urais. Tal teoria caiu em descrédito, tendo em vista que as características morfossintáticas de ambos os grupos não eram suficientes para justificar uma correlação (Poppe, 1956 p. 129).

Hoje, a família altaica ainda é um tópico debatido no cenário acadêmico; apesar dos estudos altaicos terem tomado novo fôlego no final do século XX, pouco

é considerado acerca da inclusão das línguas coreana e japonesa. Além destes fatores, na percepção de linguistas alheios ao campo da linguística altaica (e até mesmo para o estudioso altaico incauto) a teoria está decrépita ou “sem o apoio de qualquer um no campo”, o que certamente requer uma revisão mais cautelosa. (Vovin, 1998 p. 156).

4.1. História da hipótese altaica

No século XIX, com o avanço da linguística enquanto ciência, houve diversos novos estudos e teorias acerca da origem e da correlação de diversas línguas e grupos de línguas. As línguas da Ásia não foram exceção. Johann von Strahlenberg, um cartógrafo e militar sueco, explorara a região leste da Rússia e entrou em contato com diversas línguas, como as línguas fino-úgricas, o sami e o turco, dentre outras; agrupara-as em um só ramo, o qual chamou de “Tatar”. Notavelmente, há diversas inconsistências devido à parca experiência com os estudos linguísticos aqui, mas foi o primeiro passo para com o que pode chamar-se de “hipótese altaica”. Mais tarde, Rasmus Rask, linguista holandês, viria a nomear este agrupamento como “línguas citas” (“*Scythian languages*”, sem relação com os povos citas do Irã), adicionando as famílias linguísticas esquimó-aleute e basca, bem como as línguas paleosiberianas; até mesmo o basco foi incluído. Mais tarde, Max Müller postularia uma “família turaniana”, incluindo à lista tibetano e malaio, dentre outros. Sem suporte teórico, rapidamente caiu em descrédito (Poppe, 1956 pp. 125-6).

A inepção da teoria altaica no campo acadêmico se deu na década de 1840. Matthias Castrén, um filólogo e linguista finlandês, propôs uma família uralo-altaica, contendo, além das línguas hoje tidas como “altaicas”, as línguas samoiedas e fino-úgricas, faladas no norte da Ásia, baseado em similaridades entre palavras nestes idiomas. Castrén publicara gramáticas dos idiomas evenki, bem como de outras línguas faladas ao norte da Ásia, como o a língua oroquen, a manchu e a nanai, conhecidas coletivamente como línguas da família tungúsica. Seu trabalho com a gramática buriate é considerado por alguns autores como sendo o pilar da fundação dos estudos das línguas mongólicas, e por consequência, das altaicas (Poppe, 1956 pp. 82-3; 126-7).

Considera-se de suma importância a contribuição de Gustaf John Ramstedt, considerado o verdadeiro fundador dos estudos comparativos altaicos. Ferrenho

detrator da teoria uralo-altaica, postulou ele próprio uma gramática consistindo de comparação morfológica e fonológica das línguas majoritárias altaicas, além do coreano. Todo trabalho feito no campo da hipótese altaica deriva-se da gramática comparativa de Ramstedt de uma maneira ou de outra (Poppe, 1956 pp. 128-9).

O uralo-altaico de Castrén viria perder força por volta dos anos 60, possivelmente por consequência de novos estudos entre os entusiastas das línguas fino-úgricas; as línguas urálicas possivelmente se desenvolveram independentemente, e qualquer característica similar entre as línguas altaicas e as urálicas, como aglutinação e harmonia vocálica, nada mais é do que consequência de uma área de convergência linguística (também conhecida como *Sprachbund*, do alemão “união de língua”), fenômeno onde duas ou mais línguas adquirem características uma da outra através do contato prolongado de falantes de ambas as línguas numa mesma região (Poppe, 1956 p. 129; Starostin, et al., 2003 p. 8). Além disto, surgiu por volta dos anos 60 um aparente movimento de acadêmicos contrários à hipótese altaica, notavelmente Alexander Shcherbak, Gerard Clauson e Gerhard Doerfer – este último o mais prolífico dos detratores da teoria, com um número significativo de trabalhos descreditando a família altaica. No entanto, a visão do altaico como uma família relacionada geneticamente persistiu (Starostin et al., 2003, p. 8-9).

Ainda que discussões desta natureza não fossem incomuns, sendo presentes desde as ideias iniciais acerca do altaico, a adição da língua japonesa é um fenômeno recente, como mencionado anteriormente, e é alicerçada nas abundantes similaridades entre esta e o coreano. Notavelmente, um dos proponentes majoritários desta inclusão foi Roy Andrew Miller, que apesar de não ter sido o primeiro altaicista a se dedicar à língua japonesa (sendo este Anton Boller), foi um dos primeiros a realçar a ideia de um grupo “macro-altaico” (Miller, 1971 p. 12).

As características que a língua japonesa possui e que alegadamente são traços característicos das línguas altaicas, como a ordem SOV e a aglutinação, não necessariamente implicam correlação, sendo características que podem surgir independente e espontaneamente em quaisquer línguas, e este fato dá credibilidade à teoria de uma área de convergência linguística (Shibatani, 1990 pp. 29-30).

Contudo, para uma compreensão mais profunda acerca do altaico e como a língua japonesa correlaciona-se com as teorias, analisemos os processos de mudança fonética e morfológica ocorridos.

4.2. A fonologia da família altaica

A própria existência da teoria altaica se dá pelas similaridades percebidas entre alguns léxicos dos idiomas constituintes. Ainda que não haja uma relação precisa, as características fonológicas existentes são o suficiente para justificar uma “unidade genética” altaica (Starostin et al., 2003, p. 9; grifo nosso).

A análise da fonologia da família altaica como um todo é realizada através do método comparativo, utilizando-se das protolínguas reconstruídas (por exemplo, o proto-japônico e o proto-turco) com o intuito de buscar similaridades entre os seus fonemas.

A partir da análise comparativa, Starostin et al. (2003, p. 24) dispõe o seguinte inventário de consoantes:

*/p’/-	*/p/	*/b/	*/m/				
*/t’/	*/t/	*/d/	*/n/	*/s/	*/z/	*/r/	*/l/
*/tʃ’/	*/tʃ/	*/dʒ/	*/ni/	*/j/	*/ʒ/	*/ri/	*/li/
*/k’/	*/k/	*/g/	*/ŋ/				

Há quatro pontos de articulação principais (bilabial, alveolar, pós-alveolar e velar), com líquidas e nasais tendo uma articulação alveolopalatal adicional. Algumas consoantes desenvolveram-se diferentemente a depender de sua posição dentro de uma palavra (isto é, inicial, média ou final). Por exemplo, a consoante */l/ do proto-altaico reflete-se como /r/ no japonês, mas transformou-se em */n/ quando era a primeira consoante de uma palavra.

Há evidências para concluir que as consoantes *tenuis* de Starostin et al. (2003) eram na verdade consoantes aspiradas. No mongol, por exemplo, há exemplos de palavras que possuem /h/ a partir do proto-altaico */p’/ (Starostin, et al., 2003 p. 28). Não se pode obter conclusões sólidas acerca das outras obstruentes (Starostin, et al., 2003 p. 80); o mongol aparenta manter um grau de consistência maior, mantendo as consoantes africadas como no proto-altaico, e também as

desenvolvendo em contextos onde precederiam /i/. (cf. proto-altaico */t'ó:lǝ/ “pedra” > proto-mongol */tʃilaxun/ > mongol /tʃɯʂu:/)

Fenômeno similar ocorre com */k/ e */k'/; enquanto que as outras línguas mantiveram */k/, as línguas tungúsicas (especialmente as do sul) desenvolveram */h/ em seu lugar (cf. japonês /kokoro/ ‘coração’, quirguiz /køkyrøk/, mas manchu /xuxun/, aparente < proto-altaico */k'òkʰè/).

Nas línguas japonesa e coreana, o proto-altaico */l/ comumente refletia como */n/ (Starostin, et al., 2003 p. 25; 54) fenômeno também reproduzido, mas com menor incidência, na família turca.

Observemos as seguintes palavras, selecionadas a partir de Starostin et al. (2003, pp. 860; 880) (o idioma português faz-se presente apenas com propósitos de compreensão e tradução. Onde há um sinal de *menos que*, <, entende-se que há uma relação de origem, por exemplo: japonês 誰 *dare* < japonês medieval 誰 *tare*.):

Tabela 1. Cognatos selecionados entre as línguas japonesa, coreana e turca

Proto-altaico	Japonês	Coreano	Turco	Português
*lab-	nawa	no	ip TA ⁴ yip PT ⁵ *job	< corda, fio
*lúk(V)	neko	neukdae		animal grande; lince, lobo

Fonte: Starostin et al. (2003)

⁴ Turco antigo (possivelmente em uso durante os períodos do séc. VIII a séc. XIII)

⁵ Proto-turco; idioma reconstruído, possível época de uso desconhecida

Tal fenômeno preserva-se de certa forma na escrita coreana (Starostin, et al., 2003 p. 54; 82); quando // e /n/ se encontram, no fim de uma sílaba e no começo de outra, tendem a tornar-se apenas //. (cf. coreano *silla* “Silla” (um dos reinos da época medieval), escrito com o hangeul 신 *sin* e 라 *ra/la*.)

Há, entre as famílias constituintes do altaico, uma extensa gama de correlações entre as consoantes, como evidenciado por alguns dos exemplos acima. É possível que, considerando estes exemplos distintos (e a falta de cognatos i.e. palavras de origem comum, e possíveis reconstruções em outras línguas para as quais há lacunas) que hajam mais do que dois subgrupos no tronco altaico. De fato, analisando somente as mudanças consonantais, é possível estabelecer uma correlação entre o coreano e o japonês, mais intensa do que as relações de qualquer uma destas línguas com as outras do subgrupo micro-altaico; ainda assim, não se pode ainda estabelecer uma relação de causalidade do altaico para o coreano e do coreano para o japonês, vistas as limitações do processo de análise comparativa, mesmo com a presença forte do coreano dentro do altaico (Poppe, 1956 pp. 75-6).

Faz-se importante a menção dos processos que ocorreram durante a formação do ramo japonico; as consoantes africadas tornaram-se obstruentes, e como mencionado anteriormente */// foi assimilado para outras consoantes. Há uma perda de consoantes fricativas sonoras, como há nas outras línguas altaicas. Também ocorre o processo de pré-nasalização, presente no japonês arcaico, a partir da assimilação de nasais e obstruentes. Isto, ainda que seja uma característica compartilhada com o mongol (em construções utilizando /mp/ e /nd/), é também característica significativa de línguas austronésias (faladas no sul da Ásia e na Oceania), adicionando um grau de complexidade e dando credibilidade à existência de línguas austronésias no arquipélago japonês antes da chegada (e eventual conquista) de povos falantes do que viria a ser a língua japonesa. (Miyake, 2003 p. 75; Starostin, et al., 2003 p. 44; 81) Também é importante mencionar a similaridade entre os inventários consonantais de diversas línguas do Pacífico Sul, como o havaiano, e o japonês.

As vogais altaicas originais correspondiam a um sistema simples com cinco vogais fonêmicas (* /a/, * /i/, * /u/, * /e/, * /o/) e três ditongos (* /iu/, * /ia/, * /io/); os

ditongos, ainda que presentes em grande parte das línguas altaicas modernas, fundiram-se para formar outras vogais. Os únicos grupos a preservar os ditongos altaicos foram o turco (com */ia/), o tungúsico (*/ia/, com */iu/ tentativamente interpretado como */y/) e o coreano (/ja/, /jə/, /ju/). O japonês também apresenta ditongos, mas estes são oriundos de encontros vocálicos ocorridos após a síncope de uma consoante que os separasse (Starostin, et al., 2003 pp. 90-1; 169).

Para Starostin et al. (2003, p. 90), a harmonia vocálica, ainda que característica presente em virtualmente todas as famílias descendentes da altaica, não é uma característica do altaico em si; todas as línguas a desenvolveram independentemente, através de um complexo conjunto de interações entre as duas primeiras sílabas das palavras para as quais há evidência.

Como mencionado anteriormente, há também sistemas de harmonia vocálica na família urálica, hoje tida como não relacionada ao grupamento altaico. A presença desta é um dos principais motivos por trás da hipótese uralo-altaica, mas não possui credibilidade, visto os riscos presentes no processo de delinear uma relação genética apenas por características tipológicas (Shibatani, 1990 pp. 95-6).

Hoje, exibem características de harmonia vocálica os seguintes idiomas (ou famílias, quando especificado): a família turca, com um sistema que divide as vogais em anteriores e posteriores, ainda que diversas línguas como a cazaque, a azeri e o uigur possuam também uma divisão harmônica baseada no arredondamento dos lábios. O idioma mongol, que apresenta também um sistema de arredondamento mas utiliza ao invés de anterioridade/posterioridade um complexo esquema de “raiz da língua” (*advanced tongue root*, no inglês) – isto é, o avanço da base da língua em relação à laringe (uma vogal com +ATR estaria sendo pronunciada com a base da língua mais distante da laringe, por exemplo); e o coreano, também utilizando um sistema que largamente se encaixa no padrão de anteriores/posteriores, mas que já perdeu grande parte da harmonia vocálica, hoje fossilizada em palavras nativas. (Poppe, 1956 pp. 181-5)

O japonês, no entanto, não possui em sua forma moderna tal característica. Surgiram teorias de que o japonês arcaico, com seu conjunto de oito vogais, possuísse um sistema baseado em altura e anterioridade/posterioridade das vogais (Miller, 1971 pp. 50-1); no entanto, não há evidências para tal além do fato de que

não se utilizavam variantes *kô* e *otsu* num mesmo vocábulo (evidenciado principalmente pela lei de Arisaka, que afirmava que /o/ *otsu* não poderia ser utilizado junto de /a/, /i/ ou /o/ *kô*). (Frellesvig, 2010 pp. 30-32)

Ainda que muito tenha sido realizado no âmbito da fonologia altaica, os argumentos contrários à teoria têm tido muita força. Nas listas de palavras recentes, mesmo ao considerar agrupamentos menores (por exemplo, somente entre o tungúsico e o mongólico), há muitas lacunas por falta de etimologias justificáveis, e alguns dos lexemas reconstruídos tem sua veracidade e legitimidade tênues em alguns casos (Vovin, 2011 pp. 23-7).

Isto, no entanto, não se dá somente pela natureza destas famílias linguísticas, mas também pela natureza do processo comparativo em si. Métodos como a léxico-estatística, ainda que capazes de estabelecer alguma relação, são meramente superficiais, baseadas na estatística; não é possível determinar uma origem para as línguas analisadas. Ademais, tais palavras estão sujeitas a diversos processos linguísticos; empréstimos de outras línguas em um estágio muito inicial podem fatorar significativamente nos resultados, visto que não podem ser conclusivamente provados como sendo empréstimos. A própria possibilidade de se obter uma lista de palavras universais é, segundo alguns, o maior problema do método.

Tendo em vista os dados brevemente apresentados, e os desafios inerentes ao método comparativo, far-se-á uma breve análise da correlação *de facto* entre a língua japonesa e a família altaica.

4.3. A língua japonesa e a família altaica

No decorrer deste trabalho, falou-se sobre a base da fonologia altaica, e algumas das relações que os estágios iniciais do japonês possuiriam com a mesma. A dificuldade em determinar precisamente a posição da língua japônica é uma das características que marcam os trabalhos e estudos altaicos a partir dos anos 50 (Miller, 1971 p. 3; 12).

No entanto, é notável a linha tênue que divide o trabalho comparativo legítimo de uma atividade que mais se assemelha a adivinhação; os significados *inventados*, falta de etimologias e processos fonológicos consistentes são tidos como um

desserviço à produção teórica e literária dentro do altaico (Vovin, 2011 pp. 23-7). O trabalho de reconstrução, então, é dificultado em decorrência deste fato, mas é consideravelmente difícil julgar a extensão destes significados mal-atestados.

Como mencionado anteriormente, muitas das reconstruções e etimologias do japonês arcaico foram produzidas a partir do chinês medieval; no entanto, as próprias raízes do mandarim utilizam não somente reconstruções sino-japonesas como também sino-coreanas, contaminando desta maneira as evidências existentes.

Outra relação tênue existente entre o altaico e o japonês é a da lenição e fortição de algumas consoantes; em diversas instâncias onde há uma consoante medial **/tʃ/* na reconstrução altaica, não há explicação consistente para a fortição para **/t/* no japonês, como pode ser visto em raízes como **č'aŋo* “pessoas” (japonês *tami*), ou **k'ač'e* “coisa” (japonês *koto*, mas também *kata*, “maneira”) – a palatalização (pronúncia de fonemas mais próximos ao palato) não consta como evidência suficiente para a assunção de Starostin et al. (2003, p. 25) de que há tal correspondência de consoantes. Não há uma justificativa etimológica para a correlação do **/r/* japonês com o **/l/* coreano e **/d/* na família mongólica e manchutungus, como apontam alguns autores (Vovin, 2011 p. 16)

As correlações com o mongol, também, são alvo de debate. Durante muito tempo o mongol foi tido como uma das línguas padrão da hipótese altaica; sua relação com o japonês se deu majoritariamente por correlações fonéticas e morfológicas, o que por si só seria o suficiente para justificar uma ligação entre as duas (Poppe, 1956 p. 137). No entanto, a busca por cognatos levou à criação de alguns *mishaps* etimológicos, para os quais múltiplas etapas de assimilação (simultâneas) têm de ser associadas sob o risco de perder o sentido. Um exemplo disto é o proto-altaico **/si/* (pronomes de segunda pessoa do singular) que, embora associado fortemente com o japonês arcaico */(ima)si/*, ignora um sinônimo mais amplamente usado, */namu/*.

Numerais menores (de 1 a 9, por exemplo) também tendem a conservar-se durante períodos de mudança na língua; **/ŋ/* (três; três coisas), como reconstruído para o proto-altaico, dificilmente possui um reflexo em */mi/* no japonês, como afirmado por Starostin et al. (2003, 25-6). Uma associação é sugerida com */mir/*, do idioma *goguryeo*, já extinto, falado na península coreana durante o período do reino

de Goguryeo (37 a.C. – 668) (Starostin, et al., 2003 pp. 73-4). No entanto, visto que este idioma é pouco atestado, a ligação é meramente circunstancial.

Outro fator significativo é a presença de registros escritos em diversas línguas, como o japonês e o turco, que demonstravam correlações menores entre si do que as línguas turca e japonesa moderna apresentam hoje.

Em suma, a família japônica, ainda que apresente diversos *links* fonológicos e morfológicos com as línguas do tronco altaico, apresenta pouquíssima evidência concreta para tal, em se tratando de uma morfofonologia mais paradigmática. Há, como mencionado, uma pletera de (possíveis) cognatos com o mongol (o qual por sua vez tem um grande número de cognatos com o turco e as línguas tungúsicas) e ainda mais correspondências morfofonéticas com o coreano, porém mesmo a análise comparativa não pode dizer, com afinco, a natureza desta correlação.

Ademais, as línguas altaicas da Ásia central (notavelmente o turco e o mongol), como mencionadas anteriormente, compartilham diversas características com o grupo urálico; características as quais também são reproduzidas em um grande número de línguas no mundo, não necessariamente relacionadas. Também é importante mencionar que uma evidência sólida em detrimento desta teoria é, como mencionado anteriormente, a proporção inversa de relação entre estas línguas conforme o passar do tempo, isto é, as línguas apresentavam menos similaridades entre si durante sua inepção do que apresentaram em estágios mais tardios. É, então, a mais concreta das evidências possíveis e sugere que, de fato, o ramo altaico é nada mais do que uma *Sprachbund* (uma área de convergência linguística).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notavelmente, mesmo com os inúmeros esforços de linguistas ao longo de quase dois séculos, não se pode dizer que o trabalho no ramo altaico está findo. Possivelmente existem ligações ainda não estabelecidas e novas evidências a surgir.

O método comparativo, ainda que a ferramenta primária da linguística (histórica) para tratar de correlações entre línguas, tem limitações evidentes, limitações as quais já tentaram ser transpassadas por alguns linguistas, sem base teórica, e conseqüentemente sem sucesso (Vovin, 2011 p. 16; 28). Desta maneira, há de reconhecer a incapacidade de definir com sucesso a veracidade das reconstruções aqui mostradas, bem como do próprio altaico. Da mesma maneira a língua japonesa continua, de fato, um mistério quanto às suas origens.

Ainda assim, foi possível delinear algumas das características significativas da língua japonesa, que indicam suas mudanças internas, o que nos aproxima de sua possível origem.

Pôde-se, através deste trabalho, realizar uma sucinta análise de alguns fonemas e morfemas presentes no altaico, bem como a suposta correlação dos mesmos com o japonês. No entanto, notou-se a falta de relação concreta, junto com algumas evidências que apontassem o contrário, entre as características analisadas, como os inventários fonéticos e os cognatos analisados. De fato, a teoria de uma *Sprachbund* ou mesmo de um substrato austronésio é viável, principalmente considerando os avanços nos métodos de análise comparativa ocorridos com o avanço da tecnologia; estes fatores poderão, e certamente serão, abordados futuramente em outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

- 『見渡せば花も紅葉もなかりけり 浦の苫屋の秋の夕暮』 現代語訳と品詞分解・文法解説.
Manapedia. [Online] [Citado em: 21 de Novembro de 2018.] <http://manapedia.jp/text/2099>.
- Campbell, Lyle. 1998.** *Historical linguistics: an introduction*. s.l. : The MIT Press, 1998.
- Cranston, E. A. 1993.** *Asuka and Nara Culture: literacy, literature, and music*. Berkeley : Cambridge University Press, 1993.
- de Saussure, Ferdinand e Baskin, Wade (trad.). 2011.** *Course in General Linguistics*. Nova Iorque : Columbia University Press, 2011.
- Frellesvig, Bjarke. 2010.** *A History of the Japanese Language*. Cambridge : Cambridge University Press, 2010.
- Miller, Roy Andrew. 1971.** *Japanese and the Other Altaic Languages*. Chicago : Chicago University Press, 1971.
- . **1996.** *Languages and History: Japanese, Korean, and Altaic*. s.l. : Orchid Press, 1996.
- Miyake, Marc Hideo. 2003.** *Old Japanese: a phonetic reconstruction*. Londres; Nova Iorque : RoutledgeCurzon, 2003.
- Oono, Susumu. 2013.** The Japanese language: its origins and its sources. [A. do livro] Richard K. Beardsley e Robert J. Smith. *Japanese Culture: Its Development and Characteristics*. s.l. : Routledge, 2013.
- Poppe, Nicholas. 1956.** *Introduction to Altaic Linguistics*. Wiesbaden : Harrassowitz Verlag, 1956.
- Shibatani, Masayoshi. 1990.** *The Languages of Japan*. Cambridge : Cambridge University Press, 1990.
- Shirane, Haruo. 2007.** *Classical Japanese reader and essential dictionary*. Nova Iorque : Columbia University Press, 2007.
- Starostin, Sergei, et al. 2003.** *Etymological Dictionary of the Altaic Languages*. s.l. : Brill, 2003.
- Vovin, Alexander. 1998.** *Altaic, so far*. Honolulu, Hawai'i, Estados Unidos : s.n., Outubro 9, 1998.
- . **2011.** Why Japonic is not demonstrably related to "Altaic" or Korean. Osaka : University of Hawai'i, 2011.

